Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

O panfletário Homem Cristo numa caricatura executada em 1910 pelo pintor Carlos Branco, que trabalhou na Fábrica da Fonte Nova, em Aveiro, e foi um dos mais notáveis ceramistas portugueses

HOMENS

CONSIDERAÇÕES DE M. D.

Aveiro foi, sempre, uma terra onde o capital «homem» não abundou. E, coisa curiosa, quando, através dos tempos, algum surgiu, com H maiúsculo, não houve impropério que lhe não lançassem, injúria que, contra ele, não urdissem, inveja que, não deixasse de surtir o seu efeito pernicioso, isto porque... da mentira e da inveja, sempre alguma coisa fica! Depois, vêm, então, a lembrança e o remorso, porque não é justo que se deixe enterrada, para sempre, sob a lápide fria do esquecimento, o nome daquele que, pela sua terra, fez, não só o que os outros não fizeram, mas o que não foram capazes de fazer, e nem sequer de supor que era possível fazer-se.

Isto mesmo sucedeu por exemplo — e frisante! — com José Estêvão, que, se não fosse o facto de se coligarem a seu favor, os dois concelhos de Ílhavo e Vagos, nunca teria posto os pés no parlamento. Mas isso está dito e redito, e não vale a pena falar-se mais nisso!...

Há outro caso que me mexe com os nervos, e esse é o de... Homem Cristo.

O político, o polemista, o panfletário maravilhoso, o jornalista contundente,

Continua na página 2

A inauguração de importantes melhoramentos

na EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO

No sábado, como aqui se anunciou, efectuou-se na Gafanha da Nazaré a cerimónia da inauguração de novas e importantes instalações fabris da Empresa de Pesca de Aveiro, que vêm valorizar extraordinàriamente a zona industrial do nosso porto e toda a região aveirense: — uma fábrica de conservas de peixe, para trabalhar sardinha, atum e cavala, com uma capacidade de produção anual de 80 000 a 100 000 caixas, empregando cerca de 300 operárias e operários; e quatro túneis de secagem artificial de bacalhau, únicos desse sistema em Portugal, com uma produção diária total de 500 quintais de bacalhau seco. A nova unidade começou a ser construída em 1963, importando em perto de 20 000 contos.

O acto teve a presença do sr. Dr. Esteves da Fonseca, Subsecretário de Estado da Indústria, que expressamente se deslocou a Aveiro no «rápido» que chegou a esta cidade cerca das 12.15 horas, em carruagem especial em que também se deslocaram os srs.: Almirante Henrique Tenreiro, Delegado do Governo junto dos Organismos de Pesca; Comodoro Valente de Araújo, Director da Escola de Pesca de Lisboa; Dr. António Duarte Silva, pela Corporação das Pescas; Eng.º Jorge Coimbra e Dr. José Namaia, Presidente e Vice-presidente da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau; Dr. Herculano Vilela, Director do Instituto de Biologia Marítima; e Comandante Tavares de Almeida, além de outras individualidades ligadas aos organismos corporativos das pescas e conservas.

Chegada a Aveiro

Aquele membro do Governo foi recebido e cumprimentado, na estação de Aveiro, pelos srs. Governador Civil, presidentes das câmaras municipais de Aveiro e de Ílhavo, Presidente da Junta Distrital, Delegado do I. N. T. P. e outras entidades oficiais aveirenses, e ainda pelos directores da Empresa de Pesca de Aveiro. Formou-se então um cortejo automóvel em direcção à Gafanha, onde a chegada do sr. Subsecretário de Estado da Indústria foi assinalada pelo estralejar de foguetes e morteiros e pelos acordes da «Maria da Fonte», tocados pela Banda Amizade, enquanto centenas de operários o ovacionavam e cobriam de flores.

Visita e Inaugurações

Iniciou-se depois uma visita às amplas e modernas instalações da Empresa de Pesca de Aveiro, sendo o sr. Dr. Esteves da Fonseca cicerонado pelo dinâmico industrial sr. Egas Salgueiro, Administrador-gerente e fundador da importante empresa. Sempre com interesse, foram sucessivamente percorridas as

Continua na última página

As amplas instalações da Empresa de Pesca debruçam-se, em larga extensão, sobre a Ria de Aveiro. Não longe, e com idêntico privilégio posicional, situam-se importantes dependências industriais da Sacor

O ARMISTÍCIO DE 1918

EVOCAÇÃO DO TENENTE GONÇALO MARIA PEREIRA

Foi há 46 anos, no dia de São Martinho, que um frémito de alívio e da satisfação fez sossegar os corações alarmados e inquietos de toda a Humanidade, ao anunciar-se aos quatro cantos da Terra a assinatura do Armistício.

Os Impérios Centrais Germano-Austro-Húngaros, que haviam desencadeado a primeira Grande Guerra, foram obrigados a capitular e a depor as armas, por imposição dos exércitos aliados, dos quais o nosso também fizera parte.

Já se tem dito muitas vezes — mas é sempre agradável repeti-lo — o que foi para o Mundo aquele célebre dia 11 de Novembro de 1918.

Eu já me encontrava em Aveiro, depois de ter regressado de uma expedição ao norte de Moçambique, para onde havia partido em Maio de 1916. O delírio que então se apossou dos corações dos aveirenses foi tão grande, que só visto! E, a avaliar por cá, faça-se uma pequena ideia do que teria sido em todas as partes do Mundo, principalmente nos países em guerra, que eram quase todos, e nos seus próprios exércitos. É que Aveiro — e Portugal, como todos as nações beligerantes — tinha ainda a maior parte, dos entes queridos em armas, fora dos seus quartéis e das suas terras e, daquela hora em diante, ficava-se com a certeza de que as balas e a

Continua na página 2

O Armistício de 1918

Continuação da primeira página

metralha do inimigo não matariam mais nenhum dos seus familiares.

Foi duro — muito duro, mesmo! — o sacrifício que Portugal então fez em vidas e bens para salvaguarda do Património nacional e da consequente independência.

Não tínhamos ambições de conquista, é certo; mas não podíamos ficar indiferentes à luta que se travava, de usurpadores contra o Direito Internacional estabelecido.

Fôramos agredidos por um dos beligerantes; e, por isso, tivemos que alinhar ao lado dos outros para combater quem nos atacara; para expulsar o inimigo do que era nosso e para ajudar a restabelecer o Direito e a Justiça e as liberdades democráticas por que o nosso mundo se regia e que estavam sèriamente ameaçadas. Foi uma cartada que se jogou; mas, com tanta sorte e em tão boa hora, que ganhámos a partida e salvámos tudo o que era nosso.

Se na luta que travámos houve algum revés, também houve muitos triunfos e heroicidades. Isso, de resto, sucede com todos os exércitos em guerra — das grandes ou das pequenas potências.

O prestígio e o argumento de quem nos governava então, foram de tal ordem apreciados e tidos em conta no areópago das nações, no ajuste de contas, que saímos de lá de cabeça levantada e com o *mapa-mundi* intacto no que respeitava à nossa soberania em quase todos os quadrantes do Mundo.

Dizia-se, nessa altura, que havíamos combatido por um Mundo melhor — e nós acreditávamos que assim fosse.

Os governantes das democracias então vitoriosas prometiam que os rendimentos nacionais seriam, de futuro, na sua maior parte, aplicados para bem do Povo, de modo a que todos pudessem ter um lar confortável e o indispensável para viver.

Passaram-se alguns anos alimentando-se tal esperança redentora, até que..., até que começaram a aparecer os *ismos* e a bomba rebentou de novo, ao fim de duas décadas. E, desta vez o caso foi muito mais sério, com um louco a querer impor a sua doutrina totalitária para governar o Mundo durante mil anos, como ele dizia, depois de o reduzir à ínfima espécie.

O resultado macabro da sua carnificina, segundo um balanço publicado em tempos pela «Revue de Droit International», foi o seguinte:

«Jovens de todas as raças e nacionalidades que perderam a vida nos campos de batalha — 32 milhões; velhos, mulheres e crianças mortos em consequência de bombardeamentos aéreos — 20 milhões; pessoas deslocadas, deportadas e internadas — 45 milhões; seres humanos que sucumbiram nos campos de concentração — 26 milhões; pessoas feridas, mutiladas ou inutilizadas para o trabalho — 30 milhões».

E, de então até agora, que tem sucedido? Todos o sabemos — e o que sabemos é de arrepiar a epiderme ao mais insensível dos seres humanos.

É certo que escapámos providencialmente a tão grande carnificina, limitando-nos a reforçar as sentinelas de guarda ao nosso património insular e ultramarino.

O desejo de Portugal era que não se metessem conosco, que nós também não nos meteríamos com ninguém.

Os inimigos da ordem, porém, é que não estiveram por tais ajustes. Invejavam a nossa paz e o nosso relativo bem-estar — e vá de nos perturbar, lançando o pânico, primeiramente em Angola, depois na Guiné; e querem estendê-lo ainda a outras das nossas províncias de além-mar.

No «Litoral» de 10-XI-962 escrevi eu:

«Já disse, e volto a repeti-lo, que é preciso lutar até ao fim, custe o que custar, para defesa integral do nosso património. Estamos numa encruzilhada da nossa vida histórica em que, ou se salvará tudo, ou tudo se perderá!».

O tempo parece que está correndo a nosso favor; e o mundo — pelos menos, o nosso mundo — há-de compreender que a razão está do nosso lado e que nós não podemos prescindir das nossas possessões ultramarinas. Precisamos de viver com elas, para elas, para nosso bem e para bem dos seus naturais, de qualquer raça ou cor.

Ainda que nos custe os olhos da cara ou o sangue das nossas vidas, os Portugueses, esclarecidos — ou que assim se supõem — não podem pensar de outra maneira.

E eu até tenho dúvidas sobre se haverá algum Português, digno de tal nome, que assim não pense!

Primeiros dias de Novembro de 1964.

Gonçalo Maria Pereira

HOMENS...

Continuação da primeira página

o conversador atraente e inconfundível, o amigo e o inimigo, vá, pouco me importa, nesta ocasião. Só quero extremar e focar o aveirense, o batalhador pro-porto de Aveiro, o Homem que, neste assunto, foi o maior de todos.

É, já hoje, ponto assente que o futuro porto do norte do país, ainda que as instâncias técnicas superiores o admitam, apenas, como sucedâneo, ou auxiliar, do de Leixões, é, por todos os motivos e mais um, o porto de Aveiro. E o futuro se encarregará de provar isto mesmo — como, aliás, já mais de uma vez escrevemos — !

Esse facto se deve ao esforço enorme de muitos, à cabeça dos quais esteve Homem Cristo. O incremento que o nosso porto tem trazido à cidade e à região, em geral; o aumento, sempre crescente, da sua população, e, numa palavra, da sua economia geral, bem como outras facetas da nossa vida industrial e comercial são funções do porto, ainda que, na generalidade, poucos se apercebam do facto e atentem no sua projecção!...

Ora, vão decorridos 26 anos — foi no dia 22/5/38 e nós, mais que ninguém, podemos reproduzir, ipsis verbis, *o que Aveiro ali foi dizer-lhe, desde aquela tarde memorável em que a cidade homenageou Homem Cristo, em nome de todas as suas forças vivas, e eu ainda não vi que, post mortem, Aveiro se movesse, mas em peso, como naquele dia, no sentido de tornar, para sempre, lembrada às gerações vindouras, a não ser com o seu nome numa rua, quando é certo que* monumentos *não faltam, como no tempo de Domatio Falério!...*

Afiual, quando é que Aveiro quer acordar, e, mais que isso, demonstrar que sabe ser grato para com os... seus Homens? Para quando o esquecimento dos ódios que suscitou, das invejas que cresceram à sua volta, da pancada que distribuiu, para a esquerda e para a direita, dos safanões com que abanou gregos e troianos etc., etc.?

Os mortos *e os* feridos *por ele ainda o continuam a ver, naquele bigode façanhudo, a contundência que o caracterizava e as setas com que alvejava aqueles que eram, ou ele os julgava, coniventes em qualquer cambalacho, ou pouca vergonha?*

Pois esqueçam isso tudo, para se lembrarem, apenas, de que não é fácil Aveiro vir a ter, tão cedo, alguém como aquele Homem Cristo que, falado era encantador, lido, era maravilhoso; posto à testa de uma ideia, ou de uma obra, era de antes quebrar que torcer! Mas, pelo amor de Deus e da Justiça, não atireis à vala comum do esquecimento quem vo-lo não merece — antes bem pelo contrário — ! Ao menos... em nome da dignidade, própria de cada um, e do a cada um o mínimo de justiça, que lhe é devida!

Temê-lo-ão ainda? Mas porquê, Santo Deus?!

M. D.

Campeonato Nacional da II Divisão

NO 4.º DIA

Famalicão, 0 . . . Salgueiros, 0
Lamas, 3 . . . . Espinho, 1
Sanjoanense, 1 . Marinhense, 1
Leça, 2 . . . . Boavista, 0
Vila Real, 3 . . Oliveirense, 3
Peniche, 2 . . . Feirense, 0
Beira-Mar, 3 . . . Covilhã, 1

TABELA DE PONTOS

Equipas	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sanjoanense	4	3	1	—	7- 2	7
Covilhã	4	3	—	1	10- 3	6
Beira-Mar	4	2	1	1	11- 8	5
Leça	4	2	1	1	8- 5	5
Marinhense	4	1	3	—	2- 1	5
Peniche	4	2	1	1	6- 6	5
Oliveirense	4	1	2	1	7- 6	4
Espinho	4	2	—	2	5- 5	4
Boavista	4	2	—	2	4- 5	4
Lamas	4	1	1	2	4- 5	3
Salgueiros	4	—	3	1	3- 4	3
Feirense	4	1	—	3	5- 9	2
Famalicão	4	—	2	2	0- 4	2
Vila Real	4	—	1	3	4-13	1

CEDERAM, no domingo, os dois comandantes: o Covilhã, em Aveiro, perdeu o jogo, perdeu dois pontos e perdeu a co-liderança, em favor da Sanjoanense, que passou a ser guia isolado, não obstante ter cedido um empate, ante o Marinhense (turma que não perdeu ainda, registe-se), no seu relvado...

Por via destes desfechos, o torneio ganhou maior interesse, pois são diminutas as diferenças pontuais entre os concorrentes (e o lote é numeroso e de respeito!) da vanguarda.

A ronda foi fértil em igualdades: para além da que já referimos e que constituiu a surpresa do dia, outras se verificaram em Vila Real e Famalicão. Em Trás-os-Montes, os «lanterna-vermelha» somaram o seu primeiro ponto, após notável recuperação (de 1-3 para 3-3) ante a aguerrida Oliveirense. Os famalicenses — que em quatro jogos não fizeram um golo sequer, o que é espantoso! — tiveram de se contentar com um «match» nulo diante dos salgueiristas.

Peniche e Leça — duas terras de gentes marinheiras — assistiram a êxitos de igual expressão (2-0) das equipas locais, que subiram ambas para o grupo dos terceiros classificados (ao lado do Beira-Mar e do Marinhense). Feirense e Boavista foram os vencidos, sem apelação, embora lutassem com afinco.

Num dos «derbies» regionais aveirenses que quase todos os domingos se disputam, o União de Lamas somou a primeira vitória, com um concludente 3-1 sobre o Sporting de Espinho. A mesma expressão numérica esmaltou o prélio mais importante da jornada, disputado em Aveiro, entre dois «teams» dos considerados favoritos: de anotar que os serranos sofreram três golos de uma assentada, depois de manterem as balizas invioladas durante três jogos.

Amanhã, com alguns desafios de enorme interesse e capital importância, a prova prossegue, com o seguinte programa:

Famalicão - Lamas
Espinho - Sanjoanense
Marinhense - Leça
Boavista - Vila Real
Oliveirense - Peniche
Feirense - Beira-Mar
Salgueiros - Covilhã

Sumário DISTRITAL

I Divisão

Resultados da 6.ª Jornada

Cesarense - Lusitânia 1-2
Anadia - Paços de Brandão . 3-1
Valecambrense - Alba 3-2
S. João de Ver - Esmoriz . . 0-0
Bustelo - Ovarense 0-1
Cucujães - Recreio 0-2
Arrifanense - Estarreja . . . 1-0

Jogos para amanhã:

Cesarense - Anadia
Paços de Brandão - Valecambrense
Alba - S. João de Ver
Esmoriz - Bustelo
Ovarense - Cucujães
Recreio - Arrifanense
Lusitânia - Estarreja

DES POR TOS

Secção dirigida por António Leopoldo

42.º ANIVERSÁRIO DO BEIRA-MAR

No âmbito das comemorações do 42.º aniversário do Sport Clube Beira-Mar, está em curso, desde 20 de Outubro findo, na sede da prestigiosa Colectividade, um animado Torneio de Bilhar Livre Inter-Sócios.

A competição foi organizada, como nestas colunas se anunciou oportunamente, pela Tertúlia Beiramarense, que está a elaborar o programa definitivo das celebrações do 42.º aniversário do Clube, em 1 de Janeiro de 1965.

Xadrez de Notícias

Estão inscritas no Campeonato Distrital de Juniores, em basquetebol, que principia em 29 do mês em curso, seis equipas: Amoníaco, Esgueira, Galitos, Illiabum, Sangalhos e Sanjoanense.

Na mesma data, começará também o Campeonato Distrital

Continua na página 7

Basquetebol

Campeonato Distrital de Aveiro

● A penúltima jornada da primeira volta proporcionou um desfecho deveras sensacional: a derrota do Sangalhos no seu campo, ante o Amoníaco. Os bairradinos, de campeões na época finda, situam-se agora, sem qualquer vitória, na derradeira posição — nada consentânea com os seus pergaminhos.

Nas restantes partidas, os grupos de Aveiro perderam, mais ou menos como se esperava, mas ambos ofereceram boa réplica aos seus contendores.

Desta forma, o Galitos deixou de ser invicto e agora apenas a Sanjoanense (que passou a ser o primeiro *leader* isolado) segue vitoriosa cem por cento.

O torneio, que vai entrar agora em fase de maior interesse, quanto à disputa dos postos cimeiros, tem vindo a disputar-se com boa regularidade e boa ordem. Todavia, há um problema — de capital importância — que urge resolver, e urgentemente. Referimo-nos ao problema das arbitragens cujo panorama é francamente desolador e francamente mau.

E' difícil e eriçada de mil espinhos, de mil contrariedades, a missão dos árbitros — bem o sabemos. No entanto, e nos jogos a que temos vindo a assistir, são os próprios árbitros que parecem apostados em criar situações intrincadas e embaraçosas, sobretudo porque não sabem (ou não querem?) libertar-se duma pecha velha de que enfermam na quase generalidade: o caseirismo! Há que bani-lo, senhores árbitros! Há que terminar com essa vossa falha, de que apenas resultam desprestígio para a modalidade, desentendimentos entre atletas e entre clubes, e descrédito para vós mesmos — já que estais, manifestamente, a lesar os interesses do basquetebol.

● Resultados do dia:

SANGALHOS - AMONÍACO . . 31-33
ILLIABUM - GALITOS 36-32
SANJOANENSE - ESGUEIRA . . 69-54

● A tabela de classificação ficou assim ordenada:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Sanjoanense	4	4	—	235-178	12
Galitos	4	3	1	157-117	10
Illiabum	4	3	1	176-159	10
Amoniaco	4	1	3	137-174	6
Esgueira	4	1	3	161-199	6
Sangalhos	4	—	4	140-179	4

● Esta noite, às 22 horas, disputam-se os seguintes desafios:

ESGUEIRA - SANGALHOS
AMONIACO - ILLIABUM
GALITOS - SANJOANENSE

Illiabum, 36 Galitos, 32

Jogo no Estádio Municipal de Ílhavo, sob arbitragem dos srs. Carlos Neiva e Vítor Couto, apresentando-se os grupos com estas formações:

ILLIABUM — Cachim. Ramos 1-2, Resende 8-0, Elmano 2-3, Rosa

Continua na página 7

BEIRA-MAR, 3 — COVILHÃ, 1

Jogo no Estádio de Mário Duarte.

Árbitro — Diogo Manso. Fiscais de linha — Fulgêncio Rodrigues (bancada) e Amadeu Martins (peão) — todos da Comissão Distrital de Braga.

Os grupos apresentaram-se assim formados:

BEIRA-MAR — Adelino; Girão, Liberal e Jacinto; Brandão e Evaristo; Garcia, Diego, Gaio, Fernando e José Manuel.

COVILHÃ — Arlindo (ex-Sporting); Leite, Maçarico e Coureles; Manteigueiro e Làzinha; Vicente, Osvaldo, Azumir, Carvalho e Amilcar.

ficha do jogo

A tradicional pendência dos covilhanenses para não saírem derrotados em Aveiro, aliada ao facto dos serranos se encontrarem no primeiro posto da tabela, sem terem consentido qualquer golo, causou naturais apreensões aos aveirenses — lògicamente receosos de que a tradição ditasse as suas leis.

Tal não aconteceu, porém. E, embora o Covilhã justificasse valor suficiente para ocupar a liderança do torneio, a verdade é que o Beira-Mar se mostrou com capacidade para discutir em pé de igualdade com os melhores a supremacia da prova e, designadamente no encontro de domingo, vincou notório ascendente sobre o seu antagonista.

Assim foi, de facto. Os negro-amarelos entraram de rompante, em velocidade constante que se manteria até ao intervalo, jogando futebol vistoso, rápido e eficiente. Obtendo um golo logo aos 6 m., os aveirense como que se empertigaram ainda mais, forçando o ataque e rematando com frequência, sempre com perigo iminente.

O Covilhã ficou receoso de um desaire pesado, pelo que cedo passou a exercer apertada vigilância, em marcação cerrada, aos dianteiros locais. Todavia, nunca os covilhanenses se fecharam em «ferrolho» que monopolizasse as suas unidades e as impedisse de tentar a ofensiva. Bem ao contrário — e valorizando sobremaneira o espectáculo — os «leões» da Serra jogaram aberto e vieram frequentes vezes ao ataque: e procuraram o golo, com afinco, tentando e preferindo os remates de longe, em jeito de quem pretende apanhar o adversário desacautelado...

Foi assim que os visitantes, então já a perder por duas bolas, lograram o seu ponto de

Continua na página 7

Se a memória nos não atraiçoa, o Beira-Mar nunca tinha derrotado o Sporting da Covilhã, em jogos oficiais disputados em Aveiro. Por força de uma tradição deveras desagradável para os beiramarenses, os serranos vinham impor empates ao Estádio de Mário Duarte.

No domingo, porém, a tradição quebrou-se; e, finalmente, o Beira-Mar logrou cantar vitória sobre o seu forte e categorizado adversário! Fizeram-no de forma categórica, concludente, insofismável — e aí reside muito do seu mérito — os jogadores beiramarenses, e a lenda ficou pulverizada, esfumou-se...

NAS GRAVURAS — Em cima, o momento exacto em que a bola foi desviada pelo beiramarense Gaio sobre o keeper visitante, para marcar o segundo golo do encontro. Ao lado, uma oportuna intervenção do guarda-redes Adelino, do Beira-Mar, num lance de grande espectáculo e movimento.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	CENTRAL
Domingo . . .	MODERNA
2.ª feira . . .	A L A
3.ª feira . . .	M. CALADO
4.ª feira . . .	AVENIDA
5.ª feira . . .	SAÚDE
6.ª feira . . .	OUDINOT

Em favor do Hospital

O Cortejo de Oferendas foi adiado para 29 de Novembro

O anunciado Cortejo de Oferendas a favor da Santa Casa da Misericórdia, que já tinha sido designado para o próximo dia 22, por motivo de força maior teve de ser adiado para o domingo seguinte, dia 29. Tal decisão foi tomada numa reunião no Governo Civil à qual presidiu o Chefe do Distrito.

Foram nomeadas as diversas comissões que devem operar através das ruas da cidade e que, conjuntamente com as das freguesias rurais, saberão dar ao referido Cortejo o maior luzimento e rendimento que dê proveito à Santa Casa da Misericórdia.

Nesta cruzada benemerente, tem sido notório o empenho dos srs. Governador Civil, Presidente da Câmara e Provedor da Santa Casa da Misericórdia, que, não se poupando a esforços, tudo têm feito para que o Cortejo atinja o brilho e os objectivos que se esperam.

Estão nomeadas as Comissões de Honra e Central, assim constituídas:

Comissão de Honra

Governador Civil, Bispo da Diocese, Presidente da Junta Distrital, Presidente da Câmara Municipal, Comandante Militar, Capitão do Porto e Delegado do I. N. T. P..

Comissão Central

Governador Civil, Presidente da Câmara Municipal, Provedor da Misericórdia, Delegado do I. N. T. P. e Capitão do Porto.

Malas do Correio

Amanhã, dia 8, e no próximo dia 15, das 11 às 12 horas, na estação dos C. T. T. de Aveiro, realizam-se as praças para arremação da condução de malas do correio, em camioneta ou furgoneta, cinco vezes por dia, entre a aludida estação (na Praça do Marquês de Pombal) e na estação dos caminhos de ferro.

Nova exposição na «Galeria Borges»

Inaugura-se hoje, pelas 16.30 horas, na «Galeria Borges», a exposição «Linguagem Plástica Infantil», que estará patente ao público até 20 do corrente mês.

Pela Gota de Leite

Homenagem ao Sr. Dr. Alberto S ares Machado

E' na próxima semana, no dia 14, que se inaugurará, na sala da Direcção da «Gota de Leite», o retrato do saudoso médico Dr. Alberto Soares Machado, como homenagem à memória do que foi um dos fundadores e director clínico daquela instituição de assistência.

Ficam por este meio convidadas as pessoas que desejem assistir àquele acto.

Comandante Distrital da P. S. P. de Aveiro

No Comando Geral da P. S. P., em Lisboa, em 31 de Outubro findo, foi empossado no cargo de Comandante Distrital de Aveiro daquela prestante corporação o sr. Capitão Amílcar Ferreira, que interinamente desempenhava já aquelas funções, juntamente com as de Comandante da Secção de Espinho da P. S. P..

Aquele distinto oficial foi já Comandante da P. S. P. em Elvas, tendo depois seguido para o Ultramar, como tenente, e regressado há dois anos, assumindo então o Comando da Secção de Espinho da P. S. P..

Promovido recentemente ao seu actual posto, o sr. Capitão Amilcal Ferreira foi nomeado Comandante Distrital de Aveiro da P. S. P., tendo assumido já as suas novas funções.

Com os nossos cumprimentos, oferecemos ao novo Comandante da P. S. P. de Aveiro toda a nossa cooperação.

Pela Câmara Municipal

Assuntos tratados na reunião de 26 de Outubro da Câmara Municipal de Aveiro;

Problemas da Cidade

O sr. Eng.º Henrique de Mascarenhas deu conhecimento à Câmara dos assuntos tratados na sua última deslocação a Lisboa, os quais se referem, nomeadamente, a:

Construção de um novo edifício destinado à instalação dos serviços da Capitania do Porto de Aveiro

Já em 31 de Março último, por exposição dirigida ao sr. Ministro das Obras Públicas, a Câmara Municipal de Aveiro havia solicitado que este assunto fosse encarado com a maior urgência, já que, dotada a Câmara Municipal de Aveiro com a verba necessária para proceder à remodelação urbanística do centro citadino, se tornava de maior urgência a transferência daquele serviço, por estar condenada a demolição as actuais instalações.

Localizada a zona destinada à instalação dos novos serviços mais ligados à exploração portuária (Junta Antónoma do Porto de Aveiro — Capitania — Alfândega), conforme o Plano Director da Cidade, já elaborado, o sr. Ministro das Obras Públicas prometeu o seu melhor interesse para o problema, tendo ordenado já aos serviços competentes a elaboração do indispensável estudo preliminar, sobre o qual tomará posição definitiva.

Construção do novo Bloco Escolar da Glória

Tendo sido recentemente aprovado por despacho do sr. Ministro das Obras Públicas o anteprojecto do novo Bloco Escolar da Glória, elaborado pelos Arquitectos srs. José Carlos Loureiro e Luís Duarte Pádua Ramos, o sr. Presidente da Câmara fixou com o sr. Ministro as condições necessárias para que a construção possa ser brevemente iniciada, já que aquele membro do Governo admitiu que a transferência do actual quartel de Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, se efectue num prazo que, pela sua largueza, tem em consideração a urgência da obra e as possibilidades da actuação da Câmara.

Assim, já se está a proceder à elaboração do projecto definitivo, por forma a que a obra seja iniciada dentro de poucas meses.

Estrada Aveiro-Murtosa

Constituindo este empreendimento um dos maiores anseios da população aveirense, são no entanto bem conhecidas as deficuldades que se tem deparado à sua concretização, muito especialmente por virtude do elevado custo por quilómetro, dadas as características do seu traçado, que envolve vultuosos aterros e algumas obras de arte.

Considerando porêm que o Governo não poderá, nem deverá ficar indiferente, perente os problemas que atormentam a lavoura ribeirinha, muito especialmente aquela cujas propriedades situadas ao norte do Rio Novo do Príncipe vão sendo progressivamente inutilizadas para a cultura, por um cada vez maior salgamento, ou não podem ser econòmicamente exploradas por deficiência de meios de defesa e irrigação, o sr. Présidente da Câmara elaborou um estudo sobre as condições gerais da Ria de Aveiro, apontando os principais pontos de necessária intervenção.

Dentre eles avulta o referente à zona que do Rio Novo se estende para o Norte e que carece urgentemente de uma obra geral de defesa contra a entrada das águas salgadas.

Baseado neste estudo e considerando a inviabilidade económica de alargamento e rectificação da actual E. N. 109 que estabelece a ligação de Aveiro com o Porto, dado o elevado custo que acarretaria essa operação em zonas tão intensamente ocupadas, o sr. Eng.º Henrique de Mascarenhas expôs ao sr. Ministro o interesse de conjugar a realização da obra de hidráulica com a rodoviária, que permitiria o seu mútuo embaratecimento, com a simultâneidade da resolução de dois problemas do maior interesse e projecção em toda a região aveirense.

O sr. Minstro das Obras Públicas mandou os serviços competentes estudar a proposta apresentada, aguardando as informações para se pronunciar, tendo no entanto encarado este aspecto do problema com o maior interesse e prometendo dedicar ao assunto a sua melhor atenção.

Entretanto deu já indicações para que o troço municipal entre Aveiro e Vilarinho seja incluído no próximo Plano Intercalar, a fim de a obra poder ser iniciada pela Câmara no próximo ano.

Ferry-Boat entre Aveiro e S. Jacinto

Considerando que o estabelecimento de uma ligação fluvial entre o Forte da Barra e S. Jacinto constitui, com a ligação rodoviária à Murtosa e à Ponte da Varela, um conjunto indispensável para assegurar as condições de base necessárias ao desenvolvimento turístico da zona da Ria e muito especialmente à península de S. Jacinto, o sr. Presidente da Câmara, que vem dedicando desde há tempos o melhor da sua atenção a tão relevante problema, apresentou à consideração do sr. Ministro das Obras Públicas um estudo prévio para o estabelecimento de um ferry-boat entre o Forte e S. Jacinto, especificando as obras a realizar e a estimativa do seu custo.

O sr. Presidente da Câmara solicitou a ajuda do Ministério das Obras Públicas para a concretização de tão importante melhoramento, ficando o assunto a ser estudado pelos serviços daquele Ministério.

Acessos à Cidade

O sr. Eng.º Henrique de Mascarenhas informou ainda a Câmara de que solicitou ao sr. Ministro a inclusão no programa de trabalhos da Junta Autónoma de Estradas, da construção dos acessos à cidade, muito especialmente o acesso sul e a construção da passagem inferior de caminho de ferro, junto da Estrada da Quinta do Gato.

Devendo o Plano Director ser apresentado muito brevemente à consideração superior, o sr. Ministro reservou a sua decisão para depois de conhecer a apreciação a realizar pelo Conselho Superior de Obras Públicas, o que espera seja bastante breve.

A Câmara, tomando conhecimento das diligências realizadas, considerando o espírito de compreensão de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas e tendo em atenção as possibilidades de actuação, deliberou diligenciar com o maior interesse no sentido de transferir as intalações da Associação Humanitária para outro local, prevendo que essa trasferência se possa concretizar no prazo de três anos.

«Bombeiros Novos»

Por proposta do sr. Presidente da Câmara e tendo em atenção os altos e relevantes serviços prestados pela «Companhia de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes», que lhe confere jus à gratidão e respeito de toda a população, foi deliberado, por unanimidade, confirmar a cedência definitiva das instalações actuais, e autorizar, a título precário, a utilização do terreno anexo, por nascente, já em parte ocupado com idstalações dos balneários da Corporação, permitindo assim as indispensáveis condições de conservação do material, enquanto não for remodelado o actual edifício, o que dependerá ainda de autorização superior.

«Dia do Armistício»

Promovidas pela Agência de Aveiro da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, realizam-se no dia 11, pelas 11 horas, as costumadas cerimónias junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, para comemorar a data que pôs termo à Primeira Grande Guerra Mundial (1914 - 1918).

Realiza-se também um almoço de confraternização, por inscrições.

Cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje, 7 — A sr.ªˢ D. Cândida Augusta da Rocha, Baptista Marques, esposa do sr. Dr. António Fernando Marques, D. Elvira Ferreira de Carvalho, esposa do 1.º Sargento sr Manuel de Carvalho, e D. Maria das Dores Fernandes dos Santos, esposa do sr. José da Silva Marcos; e o estudante Francisco Manuel Ferreira Machado, filho do sr. Dr. Francisco Romão Machado.

Amanhã, 8 — Os rev.ᵒˢ P.ᵉ Manuel da Silva Simão, P.ᵉ Manuel Joaquim Tavares Cirne e P.ᵉ Joaquim Mendes Vaz Rodondo, e o sr. Dr. José Vieira Resende; e a menina Aldina Rosália Rebelo e Silva Ladeira, filha do sr. Dário da Silva Ladeira.

Em 9 — As sr.ªˢ D. Eneida Martins Souto de Oliveira, esposa do sr. Dr. Camilo Cimourdain de Oliveira, D. Clementina Lopes Mortágua Kein, esposa do sr. Eng.º Sigurd Andreas Kein, e D. Maria de Jesus Marques Roque, esposa do sr. Albino do Roque, aveirenses ausentes em Luanda; e os srs. Carlos da Noia Sarrazola, Ernesto Vieira e Alberto Rodrigues Coutinho.

Em 10 — A sr.ª D. Maria Emília de Jesus Balhão; os srs. Dr. Humberto Leitão, Director do «*Lutador*», João de Oliveira, João Evangelista de Morais Sarmento e Alfredo Pessegueiro; e o menino Henrique Manuel Ferreira Ramos de Voz Duarte, filho do sr. Capitão Avelino Tavares Duarte.

Em 11 — As sr.ªˢ D; Maria Ermelinda de Melo Picado Osório, esposa do sr. Dr. Augusto de Mendonça Osório, e prof.ª D. Maria Regina Sobreiro; os srs. Carlos Valente Benedito e António Fernando Marcela Santos, aveirense ausente em Lourenço Marques; e a menina Maria de Lourdes Pereira Campos Amorim filha do sr. Joaquim de Almeida Campos Amorim.

Em 12 — As sr.ªˢ D. Virgínia Marques Roque, esposa do sr. Albino Roque, e D- Maria José Carvalho da Cunha; os srs. Dr. Ruben Gomes, Manuel Alberto e António Júlio Gamelas Simões Vieira; e a menina Maria Teresa da Silva Coutinho, filha do sr, Alberto Rodrigues Coutinho.

Em 13 — As sr.ªˢ D. Alice Duarte Marques, esposa do sr. António Marques, e D. Maria da Piedade Marques, esposa do sr. Fradique da Bárbara; e os srs. Bernardo Marques dos Santos, Sargento-ajudante da Armada Manuel Andrade de Carvalho, e Mário de Melo e Silva, ausente nos Estados Unidos da América do Norte.

NA REDACÇÃO

Esteve a apresentar cumprimentos na Redacção do *Litoral* o sr. João de Sousa Marques, que nos pediu para tornarmos as suas despedidas extensivas a todos os seus amigos aveirenses, a quem oferece os seus préstimos em Toronto (Canadá), onde vai fixar residência.

Gratos pela atenção

DR. JOSÉ CALEJO

Acaba de ser nomeado Juiz Auxiliar do Juízo de Polícia do Porto o sr. Dr. José Isolino Enes Calejo, integérrimo e distinto magistrado que, durante alguns anos, esteve em Aveiro como Juiz do Tribunal do Trabalho.

DR.ª CECÍLIA LOFF SÉRGIO

No dia 10 de Outubro, com elevada clssificação, concluiu a sua formatura em Biológicas, na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, a sr.ª Dr.ª Cecília Loff Pereira Sérgio, nossa conterrânea, filha na sr.ª D. Angela Loff Barreto Sérgio e do saudoso Eduarpo de Oliveira Sérgio.

As nossas felicitações

A Prevenir

A memória não é fiel. Prevenindo faltas, involuntárias mas sempre aborrecidas, agradeço, comovidamente, a todos os que, de algum modo, manifestaram solidariedade.

(a) António de Pinho

Novas Instalações da E. P. A.

Continuação da última página

mos feitos através da C. G. D. C., e P., quer depois através do Fundo de Renovação e Apetrechamento da Indústria da Pesca, criação feliz dos Ministérios da Economia e Finanças; ajudas importantes e preciosas. Há ainda que referir a acção dos organismos Corporativos das Pescas, orientados eficientemente pelo Ex.mo Delegado do Governo, que tem sido, também, esteio financeiro apreciável para os respectivos industriais, aos quais esses organismos têm fornecido, dentro das suas possibilidades materiais, crédito a curto ou a longos prazos, muito de apreciar e agradecer.

E foi com o aproveitamento destas facilidades oficiais que a EPA, utilizando também os recursos próprios obtidos à custa da poupança de dividendos, e usando o crédito bancário, cresceu e se desenvolveu até adquirir no meio pesqueiro do País uma posição que, embora modesta, traduz claramente o desejo e o propósito de corresponder aos designios governamentais de bem servir a Nação, deveres que os sócios da EPA não podem nem querem esquecer.

E tem sido devido a estas ajudas do Estado, através da Organização Corporativa da Pesca e na obediência a programas oficialmente elaborados e definidos, que se foi criando, ao longo da costa portuguesa, uma frota de pesca a todos os títulos notável, prestigiante para o nosso País e que representa um valor importantíssimo para a economia portuguesa.

Sem qualquer propósito de fascinar quem quer que seja mas ùnicamente para salientar inquebrantável fé no futuro da indústria de pesca e demonstrar forte vontade de colaborar, embora modestamente, no valioso esforço do Governo da Nação para a valorização económica do País e contribuir para um melhor nível de vida para todos os portugueses, posso informar que a Empresa de Pesca de Aveiro está já dispendendo na construção de dois arrastões para a pesca de bacalhau a quantia de noventa mil contos, tendo gasto nas instalações hoje inauguradas cerca de vinte mil contos, o que perfaz o total de cento e dez mil contos.

Recebeu do Estado, através do Fundo de Renovação e Apetrechamento da Indústria de Pesca, como empréstimo para a construção dos dois referidos arrastões, a quantia de trinta e três mil contos e mais do Ministério da Economia, por intermédio da C. R. C. B. e do Grémio dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau, a quantia de dois mil e quinhentos contos como prémio de construção de um dos arrastões.

São investimentos importantes e muito arriscados, pois trata-se de uma indústria que joga bastante com o factor sorte, porquanto o produto que se procura não se compra quando se quer, nem pelo preço que possa convir, nem se obtém nas quantidades que se pretendem.

É produto que se arranca ao mar, nem sempre se encontra e que o mar muitas vezes não está disposto a deixar levar, pois é peixe criado nas suas águas. E, assim, quantas vezes por mais esforços que a tripulação de um barco possa desenvolver, diligentemente comandada por capitão competente e ávido de encher os porões do seu barco com o precioso peixe, não tem que regressar ao porto de armamento cheio de dor e tristeza, com o navio quase vazio, e a certeza de uma campanha nada compensadora que acarretará ao armador fortes prejuizos.

São investimentos muito arriscados mas absolutamente necessários porque deles depende um dos principais elementos da alimentação da população do País. Pela sua grande utilidade para a Nação estes investimentos não podem passar desapercebidos do Governo e merece que este lhes faculte meios necessários para que possam obter justa compensação para o capital neles empregado.

É por isso que a nós, Ex.mos Snrs. Subscretário de Estado, Governador Civil e Delegado do Governo junto dos Organismos das Pescas, grande satisfação nos causa, neste anseio de bem servir, a grata presença de V. Ex.as na inauguração oficial da nossa fábrica de conservas de peixe e dos quatro túneis de secagem artificial de bacalhau, que é garantia de um apoio moral e firme à organização da EPA.

A fábrica de conservas, preparada para dar trabalho a trezentas operárias e alguns operários, e cujo labor deve atingir alta produção de conservas de peixe, constituirá mais um factor de desenvolvimento do porto de Aveiro por possibilitar maior consumo de produtos da pesca trazidos à lota.

Os quatro túneis de secagem de bacalhau, únicos do seu sistema instalados em Portugal, vão ser auxiliares preciosos da intdústria do bacalhau por darem a garantia de continuidade à secagem, que deixa, assim, de depender do estado do tempo. A sua produção será de trinta toneladas de bacalhau sêco em vinte e quatro horas, o que representa novecentas toneladas mensais. É pensamento nosso duplicar esta instalação de forma a poder ficar-se com a garantia da preparação de todo o bacalhau da nossa produção actual e futura e com a possibilidade de fornecer regularmente o mercado consumidor em quantidades certas e épocas determinadas.

É-me grato esclarecer e faço-o com profunda satisfação, que grande parte do material aplicado nas instalações fabris hoje inauguradas, foi construído nas oficinas da EPA, assim como a respectiva montagem se deve, também, a pessoal nosso que, com tais trabalhos, amplamente demonstrou a sua elevada competência técnica e profissional, embora a direcção pertencesse a engenheiros especializados.

Além do que se encontra realizado a EPA traz em preparação uma instalação de pesca na provincia ultramarina de Angola, cujo alvará já lhe foi concedido, e participa, como fundadora, num grupo português que tem em estudo a criação de outro complexo industrial de pesca no porto da Praia, em Cabo Verde.

Percorridos estes quarenta anos através de muitos trabalhos, de muitos desgostos mas também, por vezes, de muita alegria, e tendo atingido a EPA uma meta que os seus sócios, conscientemente, reconhecem já notável, é justo recordar neste dia, com muita saudade de reconhecimento, o nome dos sócios fundadores que foram ficando pelo caminho: Jeremias Vicente Ferreira, Albino Pinto de Miranda, Lívio da Silva Salgueiro, Augusto Fernandes Bagão, Dr. Américo Teixeira, António da Silva Salgueiro, Narciso Pinto Loureiro, Francisco Pereira Lopes, Jeremias Tomaz Cardoso e David Nunes. Dos vivos, não posso deixar de mencionar com muito prazer e sem qualquer melindre para os restantes, a figura prestigiante do sr. Alfredo Esteves, que durante os quarenta anos da existência da EPA tem dado ininterruptamente o seu completo apoio moral e material a todas as iniciativas tomadas e que ainda hoje, apesar dos seus quase noventa anos, as acompanha e anima com verdadeiro entusiasmo.

Também nesta hora de muita felicidade para a EPA, não poderia deixar sem uma palavra de agradecimento muito reconhecido todos os nossos colaboradores, desde os que ocupam os mais altos postos aos de mais humilde posição. A todos eu desejo apresentar, por mim e pelos membros dos Conselhos de Gerência e Fiscal, e creio bem que interpreto também o sentir de todos os associados, as melhores saudações e os mais sinceros agradecimentos.

Eis, minhas Senhoras e meus Senhores, referida em largos traços a história da EPA e a razão que nos levou a solicitar a presença tão agradável e honrosa de V. Ex.as, incómodo que nos permitimos esperar nos seja relevado, com a aceitação dos nossos mais sinceros e rendidos agradecimentos por tão grande distinção.

E renovo especiais saudações aos Ex.mos Senhores Subscretário de Estado da Indústria, Vigário Geral, Governador Civil de Aveiro e Delegado do Governo junto dos Organismos das Pescas, que com a sua presença tanto brilho vieram dar a este festivo almoço, onde, irmanados pelo mesmo ideal de boa e útil colaboração, se encontram sentados à mesma mesa patrões, empregados e operários da Empresa de Pesca de Aveiro.

Permitam-me ainda Minhas Senhoras e Meus Senhores que por último e como prova de muita admiração e de muita consideração, saúdar a Imprensa, aqui representada pelos quatro semanários de Aveiro e Ilhavo, e pelos diários de Lisboa e Porto.

Sempre com boa disposição, estes homens da Imprensa, não olham a sacrifícios de toda a ordem, e até muitas vezes da sua própria vida, para poderem fazer a reportagem de todos os factos da vida nacional, satisfazendo o anseio do público, sempre ávido de notícias.

E ainda à Imprensa, que, nestes momentos críticos, e posso dizer históricos para o nosso País, em referência às nossas Províncias Ultramarinas, todos nós portugueses devemos ser gratos pela forma persistente e elevada como tem colaborado com o Governo da Nação, na defesa do nosso Património Ultramarino. Aos representantes da Imprensa aqui presentes um grande abraço de agradecimento pela sua vinda a este festivo almoço.

● Discursou a seguir o sr. Almirante Henrique Tenreiro, que agradeceu ao sr. Secretário da Indústria o interesse com que tem acompanhado e acarinhado o sector das pescas e a orientação que tem dado aos seus problemas.

Prosseguindo, manifestou viva satisfação pelos progressos da Empresa de Pesca de Aveiro e felicitou o sr. Egas Salgueiro pelo notável empreendimento agora inaugurado, que se coloca na primeira linha dos que têm vindo a realizar-se dentro do enorme surto de valorização industrial do Distrito de Aveiro e do País.

Recordou que há vinte e oito anos acompanha o desenvolvimento da indústria das pescas e que Aveiro o prendia, para além das suas belezas, por boas recordações de lançamentos à água de navios, de problemas sociais e das pescas; e asseverou que, em consequência dessas recordações, sentia hoje maior prazer por estar presente no momento em que se dava vida a novas instalações, modernissimas, que muito virão contribuir para o progresso da região e, consequentemente, do País.

Concluiu com palavras de homenagem a Salazar, afirmando que o Chefe do Governo devotadamente trabalha, há mais de trinta anos, na reconstrução de Portugal, de que é o primeiro obreiro.

● No uso da palavra, o sr. Dr. Manuel Louzada, dirigiu cumprimentos ao sr. Subsecretário de Estado, significando-lhe o seu grande prazer por vê-lo no nosso Distrito. Revelou o valor industrial da nossa região e solicitou àquele membro do Governo que continue a preocupar-se com os seus problemas — que interessam não só a Aveiro como também à Nação..

Saudou, depois, o sr. Almirante Henrique Tenreiro e pôs em evidência a sua incansável actividade, sobretudo no campo das pescas, afirmando que bem se pode orgulhar da obra que tem realizado junto das empresas e nos sectores de assistência adstritos àquelas indústrias.

Louvou ainda o sr. Egas Salgueiro, pelo ingente trabalho de valorização da empresa que orienta, homenageando quantos nela trabalham, e aproveitou o ensejo para agradecer ao Governo, em nome do Distrito, a circunstância de ter incluido no Plano Intercalar de Fomento a verba de 30.000 contos para o reapetrechamento do porto de Aveiro (situado já em terceiro lugar, após Lisboa e Douro-Leixões).

● Por último, discursou o sr. Dr. Esteves da Fonseca, Subsecretário de Estado da Indústria, que disse:

Desejo, em primeiro lugar, manifestar o sentimento de prazer de que esta visita, ainda que por breves horas, para mim se revestiu, não só por ser feita a um local do distrito de Aveiro, cujo progresso industrial se afirma cada vez mais relevante, como também por ter o ensejo de inaugurar instalações fabris que ficam a assinalar condignamente a valorização industrial do País.

Representando a entrada em laboração destas instalações um factor de enriquecimento desta região, centro piscatório com tradições no País, gostosamente expresso a V. Exª., Sr. Governador Civil (de quem não esqueço o permanente entusiasmo no sentido de obter a instalação de novas indústrias), às Ex.mas Autoridades do Concelho e aos habitantes e trabalhadores deste laborioso distrito as minhas felicitações pela iniciativa tomada pela empresa, com os melhores votos de progresso e prosperidades.

A V. Exª., Sr. Almirante Henrique Tenreiro, não quero deixar de manifestar quanto me é grata a sua presença, a qual me dá o ensejo de prestar homenagem à acção dinâmica e esclarecida que infatigàvelmente tem votado ao País e, designadamente, à causa da pesca.

Ninguém ignora a fundamental importância que o peixe assume na dieta alimentar da população portuguesa e o papel relevante que a pesca desempenha na economia do País, constituindo uma actividade de elevado interesse nacional.

Não está essa actividade, contudo, ligada sòmente ao abastecimento de peixe fresco, mas também à indústria de conservas, que na balança comercial tem ocupado posição de relevo, representando um dos mais fortes esteios da exportacão portuguesa.

Com efeito, e referindo, por exemplo, o ano de 1963, a exportação de conservas expressou-se em cerca de setenta e duas mil toneladas e na ordem de um milhão e duzentos mil contos.

Sabemos que tal posição se deve ao prestigio há longos anos alcançado pela indústria, de sólidas tradições e com larga audiência de compradores no estrangeiro.

Mas sabemos também que não podemos repousar à sombra da posição obtida, pois temos responsabilidades que nos impõem a sua defesa e consolidação.

Por isso, tem a indústria da pesca merecido a melhor atencão das entidades oficiais, dispensando-lhe facilidades e auxílios tendentes a dotar a pesca dos meios de progressão que lhe permitam enfrentar as crescentes exigências das condições em que a actividade hoje se exerce e com vista a torná-la cada vez mais um factor positivo da economia nacional.

Bem hajam os que compreensivamente correspondem aos esforços oficiais e colaboram decisivamente nos propósitos de desenvolvimento económico que esses mesmos esforços traduzem.

No âmbito do nosso desenvolvimento industrial, e especialmente no plano da indústria conserveira, as instalações da Empresa de Pesca de Aveiro hoje inauguradas constituem um empreendimento valioso, que se esperava vir a contribuir para o aumento de uma das mais importantes fontes de rendimento do País.

Na linha das suas tradições e da segura orientação com que, ao longo de quatro decadas, tem promovido o aumento dos meios da sua válida actividade, quer eles respeitem ao desenvolvimento da frota de pesca, quer à expansão das instalações terrestres, mais uma vez se não poupou a empresa a esforços, consciente das crescentes exigências do progresso. E assim, procurou apetrechar estes novos elementos de trabalho dos necessários requisitos, dotando-os das condições indispensáveis para o fabrico de grandes quantidades de peixe de várias espécies e para garantir a boa qualidade dos produtos.

De entre essas condições, são de salientar o cuidado havido quanto à instalação de equipamento frigorífico, demonstrativo da atenção dispensada ao importante aspecto da conservação dos produtos, e o sistema de secagem do bacalhau através da utilização de túneis que poderão permitir uma produção de cerca de trinta toneladas diárias de bacalhau seco.

Regista-se com satisfação o facto de a totalidade da maquinaria da fábrica, bem como boa parte da aparelhagem para o funcionamento dos túneis de secagem, ser de produção nacional, uma e outra incluindo fabricos realizados nas próprias oficinas da empresa e ambas totalmente montadas pelos seus operários.

Tal, muito honra o pessoal ao seu serviço e evidencia uma vez mais as aptidões do operário português, ao qual, pelas qualidades de trabalho e útil colaboração, eu dirijo as minhas saudações. Na verdade, é na conjugação dos esforços de patrões e trabalhadores e no entendimento mútuo, que reside um factor essencial para que das realizações das empresas e da sua actividade se possam colher resultados positivos.

Investimentos avultados foram feitos pela empresa neste empreendimento, e isso é revelador do espírito de iniciativa na aplicação de capitais em realizações de alcance no campo económico, e que concorrem para o desenvolvimento industrial.

Uma palavra ainda para as instalações sociais da fábrica, que merecem cuidada atenção, das quais muito virá a benefiar o respectivo pessoal.

Instalações essas que vêm enriquecer todo este vasto conjunto industrial que tivemos hoje o prazer de visitar.

Agradeço as amáveis palavras há pouco aqui proferidas por V. Exª., das quais gostosamente serei o interprete junto de S. Ex.ª o Ministro da Economia.

Assim:

Novos e importantes elementos de trabalho foram erguidos, aptos a uma rendosa actividade e a servir o País.

Demonstração inequívoca de que não pode parar a ambição que nos move de realizar mais, sempre cada vez mais.

É no vigor desta determinação está certamente o penhor seguro de serem servidos a economia e os superiores interesses nacionais.

Pela Capitania

Movimento marítimo

★ Em 28, de Outubro, saíram, o navio espanhol *Rosa N. Ilhueca*, para Tejades, e os navios portugueses *Falcão Primeiro* e *João Diogo*, para Lisboa.

★ Em 29, saiu para Lisboa, o navio português *Silva Gouveia*.

★ Em 30, procedente de Leixões, demandou a barra a lancha de fiscalização *Dourada*.

★ Em 31, vindo de Setúbal, entrou a barra o navio espanhol *Majorca*, e saiu, com destino a Leixões, a lancha de fiscalização *Dourada*.

Ferroviário vítima de desastre mortal

Na estação desta cidade, nas obras de electrificação da linha, caiu um patim de ferro, solto da altura de 10 metros, sobre o ferroviário António Maria Martins, de 26 anos, natural de Celorico de Basto. O pobre homem foi transportado para o Hospital de Aveiro e, mais tarde, para Coimbra, onde morreu.

AGRADECIMENTOS

Henrique Ferreira

Sua familia, vem por este meio muito agradecer às pessoas que assistiram ao funeral, ou que de qualquer modo se associaram à sua dor.

António Vilar

A familia de António Vilar, receando que, por falta ou deficiência de endereços, não tenha agradecido a quantos se associaram à sua dor e acompanharam o saudoso extinto à sua última morada, vem fazê-lo por este meio a todos manifestando o seu indelével reconhecimento.

DESPORTOS

CONTINUAÇÕES DA TERCEIRA PÁGINA

Basquetebol

Novo 3-9, Lau 0-2, Pessoa e Vinagre 0-6.

GALITOS — José Fino 2-2, Vítor 3-7, Albertino 4-0, José Luís 2-4, Hernâni 6-0 e Helder.

1.ª parte: 14-19. 2.ª parte: 22-13.

O resultado é prémio imerecido para os ilhavenses e castigo severo para os aveirenses. Na verdade, não venceu quem devia: venceu o grupo mais feliz na fase final do encontro.

O Illiabum esteve longe do seu normal: perturbadíssimos e descontrolados, ante a calma e a perfeita organização dos aveirenses, os jogadores auri-rubros nunca atinaram no melhor ritmo, jogando aos arrancos e sem cabeça. Terão julgado os ilhavenses que iam deparar com presa fácil e que venceriam folgadamente, sem grandes canceiras: e este seu pensar ia-lhes causando um amargo de boca...

O Galitos surpreendeu-nos, de novo, favoràvelmente.
O grupo está a render excelentemente, mercê da boa conjugação de elementos experimentados com promissores jovens. No sábado, os alvi-rubros — imperturbáveis, serenos e totalmente vivendo para um plano táctico hàbilmente conjecturado, — voltaram a demonstrar o seu valor e a sua capacidade.

De entrada, os visitados fizeram 2-0 e 4-1; ultrapassados aos 4-5, apenas lograram igualar a meio da segunda parte, a 26 pontos. Daí por diante, o marcador apresentou estas oscilações: 28-26, 28-28, 29-30, 30-30, 32-32, 34-32 e 36-32. Foi emotivo e arrasante!

Com a marca em 25-26, o Galitos perdeu o concurso de Hernâni — expulso por replicar (pontapeando-o) a Elmano, que no mesmo lance acabara de igualmente o pontapear: *os árbitros apenas quiseram punir um dos prevaricadores...* Esta foi uma das falhas mais gritantes de uma arbitragem que usou de critério pouco firme e nada uniforme, deixando em claro faltas que mereciam ser punidas, contemporizando com jogo ríspido e confuso sob as tabelas e assinalando castigos em lances de pura invenção... Ambos os grupos foram prejudicados, mas o Galitos tem maiores e mais numerosas razões de queixa.

Sanjoanense, 69
Esgueira, 54

Jogo no Pavilhão dos Desportos de S. João da Madeira, sob arbitragem dos srs. Manuel Bastos e Aureliano Silva, apresentando as equipas estes elementos:

SANJOANENSE — Armindo, Alberto Costa 6-3, Aureliano 4-2, Manuel Pinho 19-8, Ramalhosa 5-5, Mário Azevedo 0 2, Daniel, Matos 0 12, Vieira 0-3 e Alírio.

ESGUEIRA — Calisto 0-2, Ravara 2-4, César 3-0, José Luís Pinho 14-14, Salviano 5-8, Raul, Cadete 0-2 e Mário.

1.ª parte: 34-24. 2.ª parte: 35-30

Partida bem disputada, de elevado *score*, sobretudo mercê da inspiração revelada pelo sanjoanense Manuel Pinho e pelo esgueirense José Luís Pinho, que obtiveram, respectivamente, 27 e 28 pontos cada um!

Vitória certa dos sanjoanenses, ante réplica firme.

Sangalhos, 31
Amoniaco, 33

Jogo no Campo do Colégio, em Sangalhos, sob arbitragem dos srs. Albano Baptista e Manuel Arroja, alinhando os grupos como segue:

SANGALHOS - Dr. Amândio 2 0, Calvo 8 0, Manão, Eugénio 3-10, Martinho, Alberto, 0-4 e Oliveira 0-3.

AMONÍACO — Necas 4-4, Mortágua, Correia 0 2, Arlindo 6-2, Júlio 2 0, Ferreira 0-2, Ilídio 0-13, e Orlando Botte.

1.ª parte: 13-10. 2.ª parte: 18-23.

Partida de equilibrio permanente, com vitória sencional dos estarrejenses.

Xadrez de Notícias

O Beira-Mar filiou-se na Associação de Andebol de Aveiro e continua com Diamantino Dias a orientar as equipas que o representarão nos torneios regionais.

Em substituição de Manuel Matos, que orienta agora os basquetebolistas do Asilo, o conhecido basquetebolista esgueirense Virgílio Feio passou a treinar a turma principal do Esgueira.

No Sangalhos, Antero Silva é o treinador dos juniores, enquanto o Dr. Amândio Albuquerque orienta a preparação dos infantis e iniciados.

Miguel, que vinha a efectuar promissoras exibições nos primeiros jogos da época e não alinha desde o desafio com o Vila Real, por estvr lesionado terá de seguir para Lisboa, onde será observado pelo competente massagista Manuel Marques.

A Empresa Gráfica Feirense teve a gentileza de nos enviar interessantes calendários dos jogos dos Campeonatos nacionais de futebol (I e II divisões). Gratos pela oferta.

de Infantis, com oito concorrentes: os seis equipas acima indicadas e as nóveis turmas da Juventude Unida da Mealhada e do Asilo Escola Distrital de Aveiro.

Violas, conhecido guarda-redes do Beira-Mar há duas épocas inactivo, deve transferir-se para o Valonguense, equipa da II Divisão Distrital, para disputar o respectivo torneio regional.

O Esgueira, que este ano vai concorrer às provas da Associação de Andebol de Aveiro, pela primeira vez, será treinado pelo conhecido desportista Armindo Teto. Na sede do clube esgueirense, aceitam-se inscrições de sócios e simpatizantes que desejem representá-lo naquela modalidade.

Amanhã, pelas 15 horas, realiza-se no Estádio de Mário Duarte, em Aveiro, o desafio Recreio de Agueda — Arrifanense, do Campeonato Distrital da I Divisão, por ter sido interditado o campo dos aguedenses.

A Sanjoanense está a disputar a taça «Anagrette Costa», em basquetebol (equipas femininas), juntamente com mais dez clubes: Académica, Caldas, Cascais, C. D. U. L., C. D. U. P., Comércio e Indústria (de Setúbal), C. U. F., Encarnação (de Lisboa), Montijo e Vitória de Setubal.

FUTEBOL

honra. Mas o Beira-Mar, com o completo domínio do meio-campo, onde Brandão jogou primorosamente, conseguiu ser mais incisivo e os seus atacantes desfeitearam amiúde os seus «polícias», ganhando jus até a *score* mais expressivo.

Na segunda metade o jogo perdeu interesse, pois ambos os grupos, ressentindo-se do esforço anteriormente dispendido, se mostraram conformados com o resultado. O desafio decaiu em beleza e espectacularidade, perdendo os lances (sobretudo por parte do Beira-Mar) a clareza, a limpidez e a eficiência que anteriormente caracterizavam a sua manobra global ou a sua execução individual.

Desta forma, e cerca de meia-hora, a partida arrastou-se em toada monótona, aqui e ali entrecortada por lance de maior perigo, numa ou noutra baliza, alternadamente. Foi esta uma fase de vincado equilíbrio, de geral conformismo.

Nos derradeiros quinze minutos, o público «puxou» pela turma da casa, correspondendo os jogadores da melhor forma, voltando ao excelente ritmo da metade inicial: a exibição tornou a subir a nível de muito agrado, vivendo os defesas da turma serrana momentos de enormes calafrios. Os golos, esses, é que negaram ostensivamente aos beiramarenses — que tiveram de se contentar com os que alcançaram antes do intervalo...

Em resumo: vitória justa, certíssima, de quem mais fez por merecê-la, em jogo bem disputado, e muito correctamente.

●

Na equipa do Beira-Mar, quase impecável até o intervalo e toda ela baixando de nível na segunda metade, a defesa esteve certa e autoritária. Mal batido, em remate algo traiçoeiro, Adelino esteve valente e seguro; Girão e Liberal cumpriram, tendo o último anulado o perigoso Azumir. Jacinto não destoou muito, embora tenha de reconhecer-se que não possui ainda o ritmo dos colegas. Evaristo foi, no entanto, a figura número um da defesa: impecável nos cortes de cabeça, esteve também oportuno e seguro noutras intervenções.

A meio-campo, Brandão jogou primorosamente, dominando por completo essa zona. Excelente colocação, precioso auxiliar da defesa, magnífico orientador e impulsionador do ataque, reapareceu em grande plano — sendo considerado o melhor jogador em campo.

Fernando coadjuvou muito bem Brandão, dentro do plano táctico da equipa. Teve também exibição notável; e foi sob seu impulso que os beiramarenses no derradeiro quarto de hora voltaram ao ritmo inicial.

Na frente, e em nível semelhante, temos Gaio, Diego e José Manuel: — os arietes, oportunos, rematadores, batalhadores e generosos no dispêndio de energias; — e o extremo esquerdo foi empreendedor e rápido nos seus «raids», quase sempre concluidos com centros que levaram o perigo às balizas covilhanenses. Garcia, por último, mostrou-se mais útil, embora continua longe da forma que o notabilizou: sem grande poder de drible e fora do posto em que mais rendimento pode produzir, fez, no entanto, alguns remates de belo efeito, a recordar as suas virtudes de goleador.

●

No Covilhã, evidenciaram-se Manteigueiro e Làzinha, seguidos de Osvaldo, Coureles e Vicente. A turma, atlèticamente poderosa, denotou força e personalidade. Os dianteiros abusaram, sem êxito, de remates de muito longe e falharam na área, onde raríssimas vezes, aliás, tiveram possibilidades de êxito.

●

O bracarense Diogo Manso não teve problemas, nem procurou criá-los. Teve leves faltas, de somenos importância. Boa actuação, resumindo.

Remates... GOLO!

1-0, o lance nasceu numa abertura de Fernando a José Manuel, que diblou Leite e centrou, a meia-altura. Surgindo de rompante, DIEGO desviou a bola, de cabeça, espectacularmente, batendo Arlindo sem remissão. Havia 6 minutos de jogo.

Aos 17 m., o *score* subiu, em tento de GAIO, também em toque de cabeça. Na marcação de um *corner*, a bola foi aliviada em balão, para entrada da área. O defesa Girão insistiu na jogada, enviando o esférico de cabeça, para perto dos postes. Foi na trajectória que o centro-dianteiro aveirense desviou a bola, fazendo o golo.

2-1, a jogada surgiu aos 20 m., num lançamento longo do defesa Coureles. A bola foi depois para OSVALDO, no lado esquerdo, que levou a melhor sobre Girão e Liberal, rematando com êxito, traindo Adelino por enviar a bola sesgada.

3-1, aos 25 m., com Maçarico à ilharga, Diego deu seguimento a solicitação de Garcia, que fora lançado por Girão, e rematou com força, levando a bola à barra. Gaio recargou de pronto, a defesa serrana aliviou mal, e GARCIA, por fim, fez nova e vitoriosa recarga, com bom pontapé.

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 10 DO TOTOBOLA ★

15 de Novembro de 1964

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Portugal A — Espanha A	1		
2	Espanha B — Portugal B			2
3	Casa Pia — Amadora	1		
4	F. Benfica — Bucelense		x	
5	S. L. Olivais — Loures	1		
6	Palo Pires — Ginásio Sul		x	
7	Sesimbra — Palmelense	1		
8	Anadia — Lourosa		x	
9	Estarreja — Águeda			2
10	Florentina — Bolonha	1		
11	Juventus — Sampdoria	1		
12	Lazio — Roma		x	
13	Milão — Inter	1		

Perdeu-se

Anel em oiro, c/ pedra preta. Desde esta Redacção ao Clube dos Galitos. Gratifica-se quem o entregar nesta Redacção.

E. P. A. — Novas Instalações Fabris

Ao lado — *O Sr. Subsecretário de Estado da Indústria quando discursava, no decorrer do almoço.*

Em baixo — *Um aspecto da Central Frigorífica da E. P. A.*

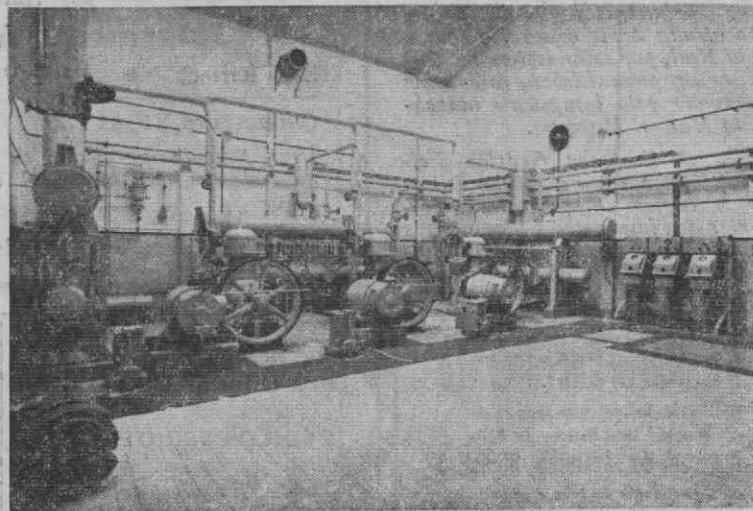
Continuação da primeira página

oficinas de carpintaria e metalurgia, e respectivas instalações sociais; os armazéns de materiais e de óleos; as câmaras frigoríficas; a central frigorífica; a oficina de redes (onde se estava a proceder à execução de uma rede destinada à pesca de arrasto, toda fabricada com materiais portugueses, da indústria do Distrito de Aveiro); a secção de lavagem do bacalhau; e os armazéns de peixe seco.

Seguiram-se as anunciadas inaugurações. O Subscretário da Indústria cortou a fita simbólica que vedava o acesso à zona dos túneis de secagem do bacalhau, tendo convidado o sr. Almirante Henrique Tenreiro a proceder idênticamente na fábrica de conservas de peixe; Mons. Júlio Tavares Rebimbas, Vigário Geral da Diocese, procedeu à bênção daquelas novas zonas do conjunto industrial da Empresa de Pesca de Aveiro. De ambas as vezes, os operários e operárias, por entre calorosos aplausos, lançaram chuvas de pétalas sobre as entidades oficiais e convidados.

Por último, aquele membro do Governo examinou demoradamente as várias fases do enlatamento do peixe, e visitou as magníficas instalações sociais e a creche para os filhos dos operários da Empresa de Pesca de Aveiro — que lhe deixaram a melhor impressão de agrado.

Almoço

Cerca das 14.30 horas, num dos vastos salões da fábrica de conservas, foi oferecido um almoço que reuniu a presença de 900 pessoas — entre entidades civis, eclesiásticas, judiciais e militares, convidados, empregados e operários da Empresa de Pesca de Aveiro.

Presidiu o sr. Dr. Esteves da Fonseca; e, na mesa de honra, encontravam-se os srs.: Almirante Henrique Tenreiro; Governador Civil de Aveiro, Dr. Manuel Louzada, e esposa; Egas Salgueiro, e esposa; Mons. Júlio Tavares Rebimbas: Capitão do Porto de Aveiro, Comandante Agostinho Simões Lopes, e esposa; Alfredo Esteves e esposa; Presidente da Junta Distrital de Aveiro, Dr. Aulácio de Almeida; Presidente da Câmara Municipal de Ilhavo, Dr. José Vaz, e esposa; Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, Eng.º Henrique de Mascarenhas, e esposa; Presidente da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, Eng.º Jorge Coimbra, e esposa; D. Diogo Passanha, e esposa; Delegado do I.N.T.P., Dr. Fernando Rui Corte-Real Amaral, e esposa; Chefe da 2.ª Circunscrição Industrial, Eng.º Joaquim Neto Murta e esposa; Juiz do Tribunal do Trabalho de Aveiro, Dr. Ianquel Sibalcanti Milhano e esposa; Director do Grémio dos Armazenistas de Mercearia, António Figueiredo; Presidente do Grémio de Conservas do Norte, Mário Brandão; Director Administrativo do Instituto Português de Conservas de Peixe, Henrique Formosinho de Sousa e Melo; e Director do Grémio do Bacalhau, Dr. Mário Pascoal.

Os Discursos

● Iniciando a série dos discursos, falou o sr. Comandante Horácio de Carvalho, que, em nome de um grupo de amigos do sr. Egas Salgueiro, lhe dirigiu saudações e prestou homenagens às suas qualidades de trabalho e de chefe de uma progressiva empresa, que tem vindo a realizar obra digna de rasgados louvores e encómios.

● Abeirou-se depois do microfone, tendo

sido demoradamente ovacionado (em significativa demonstração do apreço e da estima de que goza entre os seus empregados e operários), o sr. Egas Salgueiro. Começando por agradecer a presença do sr. Subsecretário da Indústria e das restantes autoridades, afirmou depois:

Toda esta admirável região, banhada pela airosa Ria de Aveiro, onde vem desaguar o Rio Vouga, nascido nas fragas da Beira Alta, depois de ter dado seiva aos campos por onde passa e de ter feito cantar inúmeras azenhas e moinhos e de espalhar a esmo, trabalho, pão e alegria no seu percurso, e que na foz, pela real beleza das suas margens, foi crismado em Rio Novo do Príncipe, toda esta região tem sido desde sempre, berço de pescadores ousados e destemidos.

São bem conhecidos os «Mirões» de Mira, os «Ivalhos» de Ílhavo, os «Cagaréus» de Aveiro, os «Gafanhões» das várias Gafanhas formadas nos areais sem fim e que após porfiada labuta transformaram em ubérrimas terras de pão, e ainda os «Murtoseiros» da Murtosa, e os «Vareiros» de Ovar. Todos estes valentes homens do mar, têm empregado o melhor dos seus esforços e das suas vidas na rude faina da pesca, ou tripulando os antigos barcos das xávegas, de reminiscências fenícias, na procura de peixe a poucas milhas da costa, ou os bacalhoeiros da Terra Nova, ou as traineiras da sardinha e ainda os vários tipos de embarcações pesqueiras utilizadas na Ria.

Não é, pois, de admirar que as gentes nascidas nas regiões ribeirinhas da Ria, habituadas desde sempre aos fortes cheiros da maresia, criados a desenterrar berbigão nos vastos areais molhados pelas águas salgadas da Ria, ou na apanha do mexilhão que se alapa nas pedras dos molhes da entrada do porto, tenha no sangue o vírus do mar, o pensamento todo fixo nas coisas do mar, arrisque cabedal, além de trabalhos e canseiras, na exploração do mar.

Foi na sequência ou por imperativo desta tendência para o mar, que há quarenta anos, em 1924, um grupo de homens oriundos desta terra dos «Cagaréus», organizou uma sociedade para a pesca do bacalhau, que mais tarde, nos anos de 1928 e 1935, se reorganizou sob a denominação de *Empresa de Pesca de Aveiro*. Nascera essa sociedade da compra de um lugre bacalhoeiro tão pequenino que, se ainda hoje existisse, faria o pasmo de muita gente, tão reduzido era o seu tamanho e tão minguada a pobreza da sua segurança, comparado com os altaneiros e seguros barcos-motores e arrastões dos nossos dias.

O gerente da empresa formada tinha a seu cargo todos os serviços de escrita, expediente e organização da secagem e venda do bacalhau e dispunha apenas de um pequeno ajudante para os recados. O escritório, em proporção com a importância da frota, limitava-se a um modesto quarto, cuja mobiliário não ia além de uma tosca mesa de pinho para o gerente, e uma banqueta formada pela união de duas ou três tábuas da mesma madeira para o ajudante.

Não será descobido fazer-se aqui a comparação entre o número de empregados de escritório existentes quando a EPA iniciou a sua actividade, que não passava da unidade, e de hoje, que é de sessenta.

Quarenta anos da EPA, vividos com muitas horas dolorosas mas sempre cheias de fé, com muita tenacidade dispendida e muita luta travada, ainda que de mistura, também, com largos instantes de sã alegria e legítimo contentamento, principalmente quando uma nova unidade pesqueira vinha sulcar as águas da Ria aumentando a sua frota, embora com sacrifício material dos sócios, e também de alguns deles, com teres e haveres comprometidos no empreendimento.

Sentia se bem o crescimento da sociedade que se ia consolidando, e que hoje se nos afigura representar para a economia regional alguma coisa de real valor. Constitui trabalho insano, penas de toda a ordem, erguer pedra a pedra esta obra de quarenta anos. Custou muito suor, sangue e lágrimas no dizer crítico de alguns sócios, que viam sacrificados os seus dividendos pela necessidade de capitalizar lucros para possibilitar o aumento da frota e das instalações em terra.

É esta a obra que V. Ex.as tiveram ocasião de ver e que não está ainda concluída, pois mais barcos de pesca se encontram em construção e outras indústrias inerentes à pesca estão sendo programadas para oportunamente se solicitarem os respectivos alvarás.

Seria injustiça e ingratidão imperdoável omitir as ajudas financeiras dispensadas pelo Estado à Indústria de Pesca. Quer primeiramente pela concessão de avales da C. R. C. B. a emprésti-

Continua na página 5

Uma panorâmica das vastas instalações da Sacor, marginais da Ria. Perto, mas em situação oposta, localizam-se as grandes edificações industriais aveirenses da Empresa de Pesca.

Vista da Secção de Lavagem de Bacalhau da E. P. A.